

Editorial:

Sobre tempos, esperanças e o fazer antropológico

Problematizar e respeitar as diferenças deve ser um ponto crucial para o fazer antropológico. Lila Abu-Lughod (2018) evidencia que um olhar posicionado não anula que nos perguntemos como podemos examinar nossas próprias responsabilidades pelas situações em que nossa população e as de outros países e lugares vivem. Um olhar posicionado deve pensar em um mundo mais justo para os vários “outros” que são submetidos a sofrimentos em meio à globalização. Seguindo os escritos de Donna Haraway (1995), a alternativa possível ao relativismo são saberes situados, localizáveis, críticos, apoiados em redes de conexão e solidariedade política. A conduta do antropólogo, para Alexandra Barbosa da Silva (2015), não deve ser rotulada como “militância”, mas deve ser entendida como uma atuação profissional que é desenvolvida com base em uma formação de longo prazo, a partir de teorias verificáveis e que são construídas pela pesquisa empírica. Como nos lembra Claudia Fonseca (2010), a ética em pesquisa na Antropologia deve levar em conta que fazemos ciência de um modo diferente de outras áreas, partindo de uma pesquisa *com* humanos. Isso muda o caráter de nossa produção. A Antropologia e o fazer antropológico devem ser, antes de tudo, posicionados.

Fazer Antropologia requer tempo. Tempo que é permeado por discussões, questionamentos e encontros com trajetórias distintas. É um trabalho feito paulatinamente, quase artesanalmente, no qual geralmente se encontram também diferentes lutas. Em relação as normas de conduta, o código de ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) diz que “os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica” (ABA, 2012, p. 1). Tal ponto reforça o trabalho político que deve ser intrínseco ao nosso fazer. Desde 2018 muitos de nós vimos a eleição de Jair Bolsonaro e a ascensão de seu governo com apreensão e medo do que viria. Nossos trabalhos e produções científicas levavam

também uma urgência política em defender os direitos das comunidades e pessoas com as quais trabalhamos. Agora, em 2022, depois de uma pandemia massacrante, múltiplas violências partindo daqueles que deveriam servir à população, vemos Lula ser reeleito. Apesar das eleições para o congresso e senado terem sido desfavoráveis no geral, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva foi simbólica; demos juntos aquele suspiro aliviado. Os tempos das políticas estatais e instituições são diferentes do tempo vivido e sentido por aqueles que estão lutando por seus direitos, mas esperamos, esperançados, que esse seja um pontapé para que o Estado garanta a vida plena de todos.

Fazer ciência, ocupar espaços acadêmicos, posicionar-se numa conjuntura de incertezas e retaliações por parte daqueles que deveriam contribuir para sua realização, é um ato de resistência. Mesmo apreensivos e receosos com o futuro, durante esses quatro anos de governo Bolsonaro, não cessamos de lutar para a construção do fazer antropológico e da produção científica. Em 2022, como uma recompensa de tais lutas e resistências, fomos contemplados com a feliz notícia de que a Revista Equatorial havia sido classificada na avaliação quadrienal da Capes como *Qualis* A4. Esta é a concretização dos nossos esforços enquanto membros do corpo editorial de uma revista que é feita a muitas mãos, por discentes voluntários da pós-graduação em Antropologia Social da UFRN, uma universidade do Nordeste. Cada número, até este momento, foi feito com imensa diligência para chegarmos até aqui. As últimas boas novas nos impulsionam a prosseguir em nosso caminho de resistência para a construção desse fazer antropológico e promoção científica.

Portanto, é com alegria que apresentamos o número 17 da Revista Equatorial referente aos meses de julho a dezembro de 2022. A edição é composta pelo dossiê “Parentescos Contemporâneos: possibilidades em campos interseccionados” organizado por Ana Clara Sousa Damásio dos Santos (DAN/UnB), Heytor de Queiroz Marques (PPGAS/UFRN) e Vinícius Venâncio (DAN/UnB) e também por dois artigos, uma resenha e um ensaio visual. O dossiê é composto por dez trabalhos produzidos por profissionais de diferentes lugares, que se encontram a partir do interesse comum em discutir o parentesco contemporaneamente. Tratar de família é algo estimulante, já que esse é um assunto sobre o qual todos costumam “dar pitacos” e contar suas vivências. Os organizadores do dossiê tiveram o intuito de reunir diferentes pesquisas que questionassem até onde os laços de parentesco podem ir e como são constituídos no cotidiano, na vida rotineira e em questões processuais. Os autores envolvidos no dossiê mostram que a produção sobre parentesco — que historicamente teve lugar privilegiado na Antropologia — ainda rende muito assunto, questionamentos e problematizações. Os

artigos publicados são uma amostra de como a pesquisa sobre parentesco é múltipla, ao passo que abarcam questões genéticas, circulação de crianças, raça, gênero, poder e política.

Dos trabalhos publicados em fluxo contínuo, iniciando a seção de artigos, temos o texto de Gleidson Wirllen Bezerra Gomes chamado “Questões raciais na relação antropólogo-interlocutor: raça e pesquisa de campo com pessoas trans em Belém-PA”. Neste, o autor busca refletir sobre o lugar da raça nas pesquisas de campo, baseando-se principalmente na interlocução com Rafael Carmo, um homem trans negro que conheceu em campo. Ao pensar em questões teóricas importantes para a Antropologia, Gleidson tenciona “estranhamentos” e “distanciamentos” entre antropólogos e interlocutores no campo de pesquisa. A negritude do antropólogo e também de Rafael Carmo, seu interlocutor, evidencia novas questões, garantindo que o autor problematize dimensões e relações possíveis entre “outro-outro” ou “sujeito-sujeito”. Para Gleidson, ser um pesquisador negro em campo trabalhando com outras pessoas negras parece mais aproximar do que criar distanciamentos na relação “eu-outro” e levantar novas questões sobre a pesquisa de campo antropológica.

O artigo de Rhuann Fernandes, intitulado “‘Os espíritos comem os presentes’: o universo invisível e o curandeirismo no lobolo”, discute rituais vinculados ao *lobolo* que ocorrem em Moçambique. O *lobolo* consiste em um rito tradicional que une duas pessoas em uma relação conjugal, no qual a prática essencial envolve dar bens à família da noiva para que a união seja reconhecida por todos os parentes. No texto, Rhuann demonstra como, no *lobolo*, a presença e atuação dos espíritos era uma constante. O papel do *nyamusoro* (curandeiro) é problematizado durante o texto, questionando, além disso, como este exerce contato com os espíritos para que abençoem o casal durante o rito. Para Rhuann, os espíritos não estavam apenas presentes em seu trabalho de campo, mas eram protagonistas, tinham agência na vida social, política e econômica vista por ele. O autor mostra, durante o artigo, que a noção de casamento que foi observada mostrava uma relação integrada entre espíritos e vivos, considerando passado e presente.

Em nossa seção de resenhas, temos o texto intitulado “A trajetória do Zambêracatu e a identidade negra potiguar”, escrito por Louise Caroline Gomes Branco, que explana sobre a dissertação premiada¹ de Felipe da Silva Nunes (2020) intitulada “‘Ouçam o som do meu tambor’: Nação Zambêracatu, construção e movimento”. Ao acompanhar a

¹ A dissertação de Felipe da Silva Nunes ganhou o prêmio de melhor dissertação defendida em 2020 pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

trajetória da Nação Zambêracatu, Nunes mostra como o grupo se tornou uma referência local e regional da tradição negra na cidade de Natal/RN. A resenhista mostra que o trabalho reflete como a música tem um poder simbólico para a construção da identidade do povo. Neste ponto, Branco mostra como o autor realiza um exercício interpretativo acerca de memórias evocadas e construídas pelo Maracatu Potiguar focando nos conceitos de tradição, pertencimento, representação e performance. O trabalho de Louise Branco se inscreve em um movimento de busca por uma maior visibilidade das produções realizadas no PPGAS/UFRN, para que possamos mostrar a riqueza e excelência de pesquisas realizadas no Nordeste atualmente.

Finalizando os trabalhos publicados em nosso número 17, temos o ensaio visual “Fotografando a solidão” de autoria de Cristiano Monteiro Sobroza. O autor retrata, por meio de um olhar imagético, a vivência solitária e estigmatizada de Seu João de Amaral. O senhor era visto na comunidade como “velho louco solitário” e a aproximação com ele era algo que as pessoas do local não indicavam. O autor viu isso de outra forma, ansiando pelo encontro e proximidade. Sobroza questiona, durante o texto de apresentação ao ensaio, quais os fatores que podem interferir nos laços sociais e nos tipos de relações que criamos em vida. Através de uma visão etnográfica, o autor demonstra com suas imagens em preto e branco como a solidão e o isolamento podem ser construções sociais.

Em mais um número, a Equatorial buscou mostrar ao leitor a multiplicidade das pesquisas na Antropologia, evidenciando diferentes temas e potências de nosso fazer antropológico. Desde dos primeiros passos da revista, temos prezado por um processo editorial e avaliativo que é, sobretudo, didático. Somos uma revista feita diariamente por estudantes e queremos que outros estudantes possam nos ver como uma possibilidade de levar suas pesquisas para o mundo, para que possam circular plenamente e chegar em outros tantos alunos-pesquisadores que estão iniciando seus caminhos nas Ciências Sociais e na Antropologia.

Esperamos que todos tenham uma ótima leitura!

Hellen Caetano

Membro da Equipe de Edição Geral da Revista Equatorial
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Adara Pereira

Membro da Equipe de Edição Geral da Revista Equatorial
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte